

---

# XI CONGRESSO DA GEOGRAFIA PORTUGUESA

As dimensões e a responsabilidade social da Geografia

Porto, 9 a 11 de novembro de 2017

---

## A geografia da economia alternativa: os espaços de *coworking* na cidade do Porto

C. Ferreira <sup>(a)</sup>, T. Sá Marques <sup>(b)</sup>, P. Guerra <sup>(c)</sup>

<sup>(a)</sup>CEGOT/Faculdade de Letras da Universidade do Porto, celiamarisaferreira@gmail.com

<sup>(b)</sup>CEGOT/Faculdade de Letras da Universidade do Porto, teresasamarques@gmail.com

<sup>(c)</sup>CEGOT / Faculdade de Letras da Universidade do Porto; IS –UP / Instituto de Sociologia / Universidade do Porto; Griffith Centre for Cultural Research / Griffith University / Australia, mariadeguerra@gmail.com

### Resumo

Nos últimos anos tem havido um particular interesse no âmbito da investigação académica, e designadamente na geografia, pelo surgimento ou recrudescimento de práticas económicas que constituem resposta a crises económicas ou alternativas a práticas *mainstream*. São variados os conceitos que definem este conjunto de atividades. Ricardo Méndez sugere a designação de economia alternativa. Os espaços de *coworking* são considerados pelo autor uma destas práticas. É consensual que se trata de uma nova tendência de negócio e de trabalho colaborativo que tem proliferado nas cidades europeias em anos recentes. O Porto não é exceção. Constitui objetivo deste trabalho analisar a espacialização destes espaços na cidade e perceber as motivações e perceção dos empreendedores que iniciam este tipo de negócios. Para o efeito foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Esta pesquisa constitui um contributo para a geografia económica, através da análise de novas dinâmicas em contexto urbano e seus significados e representações.

**Palavras chave:** Espaços de *coworking*, Porto, Cidades, Geografia Económica

### 1. Introdução

Na literatura científica têm surgido trabalhos sobre práticas económicas que, assumindo várias designações, constituem iniciativas *bottom-up* e de capacitação de pessoas ou grupos. Estas formas ou práticas económicas surgem ou reforçam-se no seguimento de crises económicas ou constituem, simplesmente, uma forma de resistência às práticas económicas *mainstream* (Lee et al., 2004; Kostakis & Bauwens, 2014).

A diversidade destas práticas está na origem de diferentes conceitos que as procuram definir (economia social, economia colaborativa, economia solidária, economia alternativa, economia comunitária ou economia do bem comum, entre outros) (Hernández, 2017; Méndez, 2015b).

Méndez (2015) propõe a designação de práticas alternativas ou economia alternativa, apresentando cinco critérios de identificação destas atividades: o princípio da solidariedade; o objetivo de constituírem uma alternativa ao sistema capitalista; a importância das redes colaborativas; a estratégia em matéria de inovação social; e a importância da proximidade espacial a outras atividades semelhantes. Os espaços de *coworking* são, segundo Ricardo Méndez, uma atividade que se enquadra na economia alternativa.

Surgidos em 2005, nos Estados Unidos da América (EUA), os espaços de *coworking* são conotados como, simultaneamente, uma nova tendência de negócio e de trabalho colaborativo (van Holm, 2017). Trata-se de um tema relativamente recente, pelo que existem ainda poucos estudos sobre o assunto (Bouncken & Reuschl, 2016). Não obstante, é consensual que estes espaços têm vindo a proliferar nas cidades europeias desde há pouco mais de uma década (URBACT, 09/05/2017).

Os espaços de *coworking* podem assumir diferentes configurações e diferir em termos de tipos de

públicos-alvo. É difícil identificar estes espaços nas estatísticas oficiais das atividades económicas, na medida em que as situações são diversas: há negócios que abrem formalmente como sendo espaços de *coworking* e há espaços de *coworking* associados a outros negócios.

No Porto estes espaços ganharam projeção em anos recentes. Constitui objetivo deste trabalho analisar a espacialização destes espaços na cidade e perceber as motivações e perceção dos empreendedores que iniciam este tipo de negócio. Para o efeito foram realizadas entrevistas semiestruturadas e foi explorada informação constante das páginas eletrónicas dos espaços. Esta pesquisa constitui um contributo para a geografia económica, através da análise de novas dinâmicas em contexto urbano e seus significados e representações.

Em termos de estrutura, primeiro será abordado o enquadramento dos espaços de *coworking* no contexto das práticas económicas alternativas. Seguidamente, será abordada a realidade deste tipo de atividade na cidade do porto e, por fim, serão apontadas as principais ideias que se concluem desta pesquisa.

## 2. Os espaços de *coworking* como práticas económicas alternativas

Na literatura científica têm surgido trabalhos sobre práticas económicas que, assumindo várias designações, constituem iniciativas *bottom-up*, muito marcadas pelas relações de sociabilidade e pela vontade de capacitação de pessoas que pretendem construir as suas próprias histórias. Estas formas ou práticas económicas surgem ou reforçam-se no seguimento de crises económicas ou constituem, simplesmente, uma forma de resistência às práticas económicas *mainstream* (Lee et al., 2004; Kostakis & Bauwens, 2014). Muitas das práticas económicas, a que diversos autores apelidam de alternativas, têm uma longa tradição, mas desde a crise económico-financeira de 2008 verificou-se o seu recrudescimento, assumindo uma maior projeção a nível da investigação académica e da decisão pública (Hernández, 2017).

A diversidade dessas práticas está na origem de diferentes conceitos que as procuram definir (economia social, economia colaborativa, economia solidária, economia alternativa, economia comunitária ou economia do bem comum, entre outros) (Hernández, 2017; Méndez, 2015). Segundo Hernández (2017), a forma de as rastrear é recorrendo a publicações académicas, a páginas especializadas na Internet (incluindo o Facebook), à imprensa e ao trabalho de campo.

Trata-se de atividades quer voltadas para a produção de bens ou serviços, quer orientadas para o consumo ou para o financiamento de outras atividades. Em termos de escala, vão desde as pequenas iniciativas locais promovidas por indivíduos ou microempresas (como as empresas de economia social, os espaços de *coworking* ou os mercados de venda ou reutilização de produtos) até plataformas digitais mundiais (de que são exemplo a *Uber*, o *BlaBlaCar*, a *AirBnB* ou o *eBay*) (Méndez, 2015).

Ricardo Méndez (2015) propõe a designação de práticas alternativas ou economia alternativa, apresentando cinco critérios de identificação destas atividades: o princípio da solidariedade; o objetivo de constituírem uma alternativa ao sistema capitalista; a importância das redes colaborativas; a estratégia em matéria de inovação social; e a importância da proximidade espacial a outras atividades semelhantes, o que gera concentração espacial. Os espaços de *coworking* são, segundo este autor, uma atividade que se enquadra nestas práticas económicas.

Surgidos em 2005, nos EUA, os espaços de *coworking* são conotados como, simultaneamente, uma nova tendência de negócio e de trabalho colaborativo (van Holm, 2017). Trata-se de um tema relativamente recente, pelo que existem ainda poucos estudos sobre o assunto (Bouncken & Reuschl, 2016). No entanto, a literatura científica em torno do mesmo tem vindo a crescer nos últimos anos (Gandini, 2015; Spinuzzi, 2012). Estes espaços têm vindo a proliferar nas cidades europeias desde há pouco mais de uma década (URBACT, 09/05/2017).

Em termos gerais, é consensual que se trata de locais de trabalho partilhados por diferentes tipos de profissionais (trabalhadores por conta própria, *freelancers* ou microempresas) e que podem ser da mesma ou de outras áreas de atividade. Estes profissionais alugam um gabinete ou uma secretária, tendo acesso a um conjunto de facilidades associadas (ligação wi-fi, salas de reuniões, espaços laboratoriais, cozinha, café, bar, etc.) (Bouncken & Reuschl, 2016; Gandini, 2015; Spinuzzi, 2012). Os espaços de *coworking* podem assumir diferentes configurações e diferir em termos de tipos de clientes (Spinuzzi, 2012). Uns são dirigidos a todos os grupos ocupacionais e setores económicos,

outros são especializados em determinados tipos de atividade ou modelos de negócio (Bouncken & Reuschl, 2016). É difícil identificar estes espaços nas estatísticas oficiais das atividades económicas, na medida em que as situações são diversas: há negócios que abrem formalmente como sendo espaços de *coworking* e há outros negócios que associam espaços de *coworking* a outro tipo de atividades (Gandini, 2015).

Spinuzzi (2012), num estudo sobre espaços de *coworking* em Austin (nos EUA), concluiu que as motivações dos *coworkers* são diferentes. Enquanto uns veem os espaços de *coworking* como locais onde podem estabelecer redes profissionais, outros procuram um espaço criativo, onde possam discutir ideias. A partilha do espaço físico e de redes sociais favorece a comunicação e a aprendizagem e propicia a troca de ideias e conhecimento e a partilha de competências (Bouncken & Reuschl, 2016).

Num artigo online do URBACT, datado de maio de 2017, é afirmado que o contributo destes espaços para o crescimento económico é evidente. É afirmado ainda que podem contribuir para a regeneração urbana – ao utilizarem edifícios antigos, dando-lhes uma nova vida –, fomentando círculos virtuosos de vivência dos lugares. As interações e / ou colaborações entre os utilizadores destes espaços propiciam novas ideias, novas redes e novos públicos, tornando as cidades mais atrativas para atuais ou potenciais residentes e negócios.

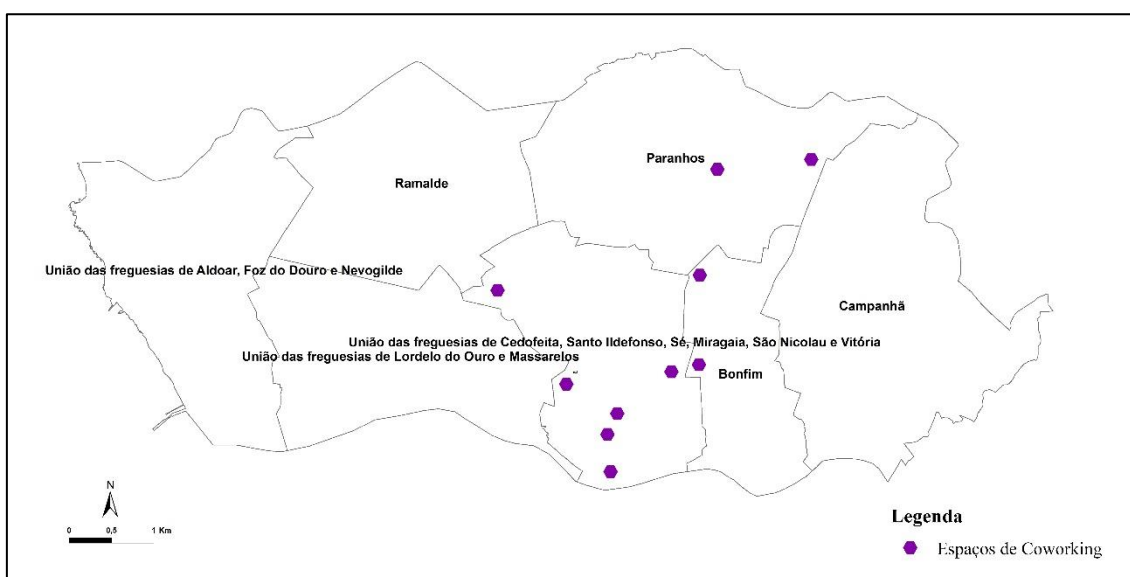
Brown (2017), num trabalho focado em espaços de *coworking* direcionados para o setor criativo no Reino Unido, chama, no entanto, atenção para o facto de ainda muito pouco se saber sobre em que medida estes espaços afetam positivamente os *coworkers* e, num âmbito mais alargado, como se podem relacionar com processos de transformação urbana, pelo que considera necessária precaução na sua utilização como instrumento de regeneração das áreas urbanas, e designadamente das áreas centrais.

### 3. Espaços de *coworking* na cidade do Porto: análise de resultados

Em janeiro de 2017, a cidade do Porto tinha oficialmente 10 espaços de *coworking* (Figuras 1 e 2), apresentando uma relativa concentração, na medida em que se distribuíam apenas por 3 freguesias do concelho: União das Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória (6 espaços), Bonfim (2 espaços) e Paranhos (2 espaços).

Dos 10 espaços, 6 localizavam-se na área central. Destes 6, 2 espaços pertenciam à mesma empresa – Porto I/O.

Figura 1 – Espaços de *coworking* existentes no Porto em janeiro de 2017



Fonte: Elaborado a partir de <https://classic.mapme.com/scaleupporto/places/category/Start&Scale>, página consultada em 4 de janeiro de 2017.

Figura 2 – Identificação dos espaços de coworking existentes no Porto em janeiro de 2017

Espaços	
Cool.Office	Porto I/O
CRU – Cowork	Typographia-Cowork
Facts Coworking	UP! – Unidade Empresarial de Paranhos
FoundersFounders	Uptown Guest Office
OPO'Lab	

Fonte: Elaborado a partir de <https://classic.mapme.com/scaleupporto/places/category/Start&Scale>, página consultada em 4 de janeiro de 2017.

Em termos de condições, e de acordo com as evidências apresentadas noutros trabalhos académicos, todos estes espaços disponibilizam áreas de trabalho individuais e áreas de trabalho coletivas (salas de reuniões, espaços laboratoriais nuns casos ou de exploração de tecnologias noutros) e ainda áreas comuns voltadas para o convívio e a interação social (copa, zona *lounge*, bar, etc.). O serviço de Internet e telefone e as redes de abastecimento de água e eletricidade são da responsabilidade dos donos / gestores dos espaços.

No sentido de perceber as motivações e as perceções dos empreendedores que abriram estes espaços, foram feitas 3 entrevistas, em fevereiro e março de 2017, uma por cada uma das diferentes situações em termos de públicos-alvo. Assim, foram entrevistados o Porto I/O, espaço voltado, fundamentalmente, para áreas mais tecnológicas, o OPO'Lab, espaço direcionado para a arquitetura e design com forte componente de aplicação de tecnologias inovadoras e o CRU – Cowork, mais voltado para setores criativos.

Os três espaços surgiram a partir da experiência pessoal e profissional dos seus donos / gerentes. O OPO'Lab surgiu em 2009/2010 a partir de um outro projeto e está associado a uma empresa. Acolhe sobretudo microempresas e bastantes estrangeiros que trabalham remotamente e que viajam de local para local (nómadas digitais).

O CRU – Cowork foi criado em 2012 e está associado a uma loja colaborativa que vende roupa, acessórios e jóias de criadores nacionais. Trata-se de um espaço voltado para *freelancers* e pessoas que trabalham por conta própria. Tal como o OPO'Lab também recebem muitos nómadas digitais, mas o seu objetivo é dirigir-se para os criativos do Porto (designadamente ao nível dos preços praticados e das condições oferecidas).

O fundador do Porto I/O foi *coworker* e geriu um espaço de *coworking* em Barcelona. Quando regressou ao Porto, resolveu abrir um espaço semelhante, que funcionasse como uma comunidade, facilitando os processos de negócio. Para além do espaço de *coworking* tem uma empresa de desenvolvimento de software. O Porto I/O tem instalações em dois locais da Baixa portuense: o edifício na Rua Cândido dos Reis abriu em outubro de 2014 e em maio de 2016 abriu o espaço perto da Ribeira. Acolhem *freelancers* e pessoas a trabalhar para empresas nacionais e internacionais. De referir a este propósito que tem sido cada vez maior a procura por parte de profissionais mais relacionados com as artes e a criatividade.

Relativamente a atividades que promovem, os três espaços procuram organizar *workshops* e eventos e estabelecer colaborações que facilitem a troca de experiências, boas práticas e aconselhamento em termos de desenvolvimento dos negócios dos seus *coworkers*.

É consensual entre os três entrevistados que a localização é muito importante, não tendo sido de todo casual. Sublinham, desde logo, as transformações que estão a ocorrer na cidade, em termos gerais, e na sua área central, em particular, que, sendo promissoras, concorrem para a criação de um ambiente propício ao empreendedorismo, à criatividade e à inovação.

Relativamente à perceção dos entrevistados quanto ao sucesso das empresas ou profissionais, há algumas ideias consensuais, designadamente ao nível da falta de apoio institucional para criação, implementação e acompanhamento do plano de negócios e ao nível da capacidade de investimento dos empreendedores, acompanhada da falta de investimento por parte de outras entidades nos seus

negócios.

O coordenador do OPO'Lab considera que o sucesso não é muito positivo – cerca de 60% a 70% das empresas conseguem singrar. Considera que falta apoio efetivo por parte das instituições às empresas, designadamente na criação de um bom plano de negócios e que falta investimento por parte de empresas consolidadas.

A fundadora do CRU – Cowork diz não ter perceção sobre o sucesso dos *coworkers* que passam pelo espaço, na medida em que nem sempre acompanham o seu desenvolvimento durante tempo suficiente para tirar conclusões. Não obstante, tem perceção sobre os que vendem produtos na loja colaborativa e aqui afirma que o insucesso é grande: cerca de 50% a 60% dos empreendedores não conseguem sobreviver. Considera que os criativos têm muitas lacunas ao nível das competências para gerir negócios e que a pequena dimensão das empresas é um fator que dificulta o crescimento. A *community manager* do Porto I/O não tem ideia da taxa de sucesso porque, tal como a fundadora do CRU – Cowork, não acompanham os negócios tempo suficiente para poder ter uma noção da realidade.

As redes são consideradas fundamentais. Neste sentido, procuram estimular o estabelecimento de redes entre os *coworkers* e entre estes e os clientes / parceiros da sua empresa de *coworking*. Procuram incentivar a que os empreendedores falem dos seus negócios com outros profissionais e que colaborem uns com os outros. Valorizam principalmente as redes e parcerias informais que consideram ser muito mais eficazes que as redes formais.

Sentem em termos gerais dificuldades nas parcerias institucionais e gostariam de ter mais apoio das instituições da cidade. A este nível, as situações são diversas. O OPO'lab é o único dos três que tem uma parceria estabelecida com a Câmara Municipal do Porto. O CRU – Cowork gostaria de ter mais apoio efetivo, designadamente ao nível da promoção destes espaços. O Porto I/O afirma que o apoio seria bem-vindo, mas que são autossuficientes, pelo que na prática este apoio não lhes faz falta para serem bem-sucedidos.

#### **4. Conclusões**

Desde que surgiram, em 2005 nos EUA, os espaços de *coworking* têm-se disseminado por toda a Europa, assumindo-se como uma nova tendência de negócio e de trabalho colaborativo.

Também assim o é na cidade do Porto, embora não tenhamos informação para analisar a sua evolução no tempo. À data de janeiro de 2017, existiam oficialmente 10 espaços de *coworking* na cidade, que se concentravam sobretudo na área central.

Pela análise dos espaços existentes no Porto, e tendo em conta a descrição dos mesmos constantes de páginas de Internet, conclui-se que o *coworking* no Porto é direcionado para diferentes áreas de atividade, desde as mais tecnológicas até às mais criativas, passando por situações de espaços que não têm uma orientação específica e que acolhem qualquer profissional. Há um conjunto de condições que são, em termos gerais, comuns aos diferentes espaços: dispõem de espaços de trabalho individuais, de espaços coletivos e ainda de espaços de convívio e interação social.

Pela realização de 3 entrevistas semiestruturadas percebemos que os espaços inquiridos estão associados a outras atividades, indiciando que ainda não dá para sobreviver só do *coworking* na cidade. Relativamente a atividades associadas, os três espaços procuram organizar *workshops* e eventos e estabelecer colaborações que contribuam para o desenvolvimento das competências e dos negócios dos *coworkers* instalados. A localização foi um fator tido em conta no processo de abertura deste tipo de negócio, sendo a área central considerada como propícia para a criação de atmosferas favoráveis à criatividade e à inovação.

Há consenso entre os três entrevistados no que se refere à falta de apoio institucional para criação, implementação e acompanhamento do plano de negócios e ao nível da falta de capacidade de investimento dos empreendedores, agravada pela falta de investimento por parte de outras entidades nos seus negócios. As redes são consideradas fundamentais, sendo valorizadas principalmente as redes e colaborações informais que consideram ser muito mais eficazes e céleres, em caso de necessidade, do que as parcerias formais. Em termos gerais, gostariam de ter mais apoio por parte das instituições da cidade.

#### **5. Bibliografia**

- Bouncken, R. B., & Reuschl, A. J. (2016). Coworking-spaces: how a phenomenon of the sharing economy builds a novel trend for the workplace and for entrepreneurship. *Review of Managerial Science*, 1-18. doi:10.1007/s11846-016-0215-y
- Brown, J. (2017). Curating the “Third Place”? Coworking and the mediation of creativity. *Geoforum*, 82, 112-126. doi:10.1016/j.geoforum.2017.04.006
- Capdevila, I. (2015) How Can City Labs Enhance the Citizens’ Motivation in Different Types of Innovation Activities? & M. Barcelona, Facebook, I. S. T. C. o. S. Networking, R. Microsoft, S. Social, C. f. C. S. S. Stanford, & Yahoo (Vol. Ed.): Vol. 8852. *6th International Conference on Social Informatics, SocInfo 2014* (pp. 64-71): Springer Verlag.
- Gandini, A. (2015). The rise of coworking spaces: A literature review. *Ephemera: Theory & Politics in Organization*, 15(1), 193-205.
- Hernández, J. L. S. (2017). *Las prácticas económicas alternativas en perspectiva geográfica* (pp. 67). Retrieved from [http://saladeprensa.usal.es/files/Las\\_prcticas\\_economicas.pdf](http://saladeprensa.usal.es/files/Las_prcticas_economicas.pdf)
- Kostakis, V., & Bauwens, M. (2014). *Network Society and Future Scenarios for a Collaborative Economy* (pp. 87). doi:10.1057/9781137406897.0001
- Lee, R., Leyshon, A., Aldridge, T., Tooke, J., Williams, C., & Thrift, N. (2004). Making geographies and histories? Constructing local circuits of value. *Environment and Planning D: Society and Space*, 22(4), 595-617. doi:10.1068/d50j
- Méndez, R. (2015). Redes de colaboración y economía alternativa para la resiliencia urbana: una agenda de investigación. *Biblio3W*, XX(1.139), 24.
- Spinuzzi, C. (2012). Working Alone Together: Coworking as Emergent Collaborative Activity. *Journal of Business and Technical Communication*, 26(4), 399-441. doi:10.1177/1050651912444070
- van Holm, E. J. (2017). Makerspaces and Local Economic Development. *Economic Development Quarterly*, 31(2), 164-173. doi:10.1177/0891242417690604